

IMPLEMENTAÇÃO DAS PROPOSTAS DO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

Jorge Eduardo S. Durão, E-mail: jdurao@fase.org.br

1. INTRODUÇÃO

O título da palestra que me foi solicitada - "Implementação das propostas do Fórum Social Mundial" - já contém uma questão relativa ao caráter do Fórum que precisa ser preliminarmente esclarecida. O Fórum Social Mundial constitui um espaço aberto para reflexão e debate democrático de idéias entre pessoas e organizações vinculadas às mais diversas correntes de opinião e tendências políticas que têm em comum a oposição ao neoliberalismo, aos rumos excludentes da globalização e ao Império e/ou imperialismos de qualquer tipo. Daí decorre o fato de o FSM ter-se tornado também um importante espaço de resistência à guerra e de luta pela paz mundial. Em todo caso, cabe sublinhar que o FSM não constitui uma instância deliberativa ou dirigente de lutas dos movimentos sociais ou das inúmeras organizações que nele tomam parte. Conseqüentemente, a partir do momento em que o FSM foi ganhando importância e reconhecimento, e ampliando o seu poder de convocação e mobilização, cresceu uma certa tensão entre a posição de defesa do caráter originário do Fórum tal como acabei de mencionar e o entendimento de que o Fórum envolve um enorme esforço de mobilização de pessoas e organizações da sociedade civil em vários continentes e que esse esforço e essa energia deveriam ser canalizados para a definição de uma agenda comum para a formulação de propostas e de alternativas e para a mobilização em torno de determinadas lutas. Após o Fórum Social de 2004 (Mumbai), o Conselho Internacional do FSM aprovou uma nova metodologia para a construção da pauta do próximo Fórum que terá lugar em Porto Alegre em 2005. Trata-se de uma tentativa de construir uma pauta de discussão e de iniciativas práticas de mobilização e de luta, da forma mais participativa e democrática possível, evitando os riscos e as tentações de que um pequeno grupo se arvore em direção do Fórum ou "vanguarda" dos movimentos sociais e organizações que constituem o Fórum.

2. O FÓRUM SOCIAL MUNDIAL E A GLOBALIZAÇÃO:

Um dos maiores paradoxos e fonte de confusão em relação ao FSM diz respeito à sua caracterização como expressão de um movimento antiglobalização. De fato o FSM se define oficialmente como um espaço de produção de alternativas que se contrapõem à globalização comandada pelas grandes corporações nacionais e pelos governos e instituições internacionais a serviço dos seus interesses. Por outro lado o próprio FSM é fruto de movimentos de protesto que eclodiram em grande parte graças à própria globalização. Como diz Naomi Klein: "É difícil dizer por que o movimento de protesto explodiu, uma vez que a maior parte desses problemas sociais e ambientais é crônica há décadas, mas parte do mérito certamente deve ser da própria globalização" (...) "Agora, graças a uma maior troca de informações interfronteiras, reconhece-se que tais problemas são os efeitos locais de uma ideologia global específica, imposta por políticos nacionais mas concebida centralmente por alguns interesses corporativos e instituições internacionais, incluindo a Organização Mundial do Comércio, o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial".

Em todo caso, parece existir um amplo consenso entre os participantes do FSM, no tocante à crítica da globalização econômica como um processo do qual resultou um ambiente econômico internacional altamente desfavorável aos chamados países em desenvolvimento, caracterizado entre outros aspectos pelos seguintes fatos:

- O permanente declínio dos preços das *commodities* exportadas tem causado tremenda fonte de perda de renda e divisas/ pobreza
- Instabilidade e fortes flutuações financeiras causadas pela ação de capitais especulativos gerando crises frequentes em diversos países do mundo;
- Processos de exclusão social e de aprofundamento das desigualdades sociais e entre nações, em curso em escala mundial;
- Destruição de empregos e expropriação em massa de agricultores familiares e agravamento das condições de subsistência de trabalhadores agrícolas como decorrência, entre outros fatores, de políticas inadequadas de liberalização de importações.
- Cortes de gastos no setor social e privatização de políticas sociais, com a introdução do princípio de que os usuários devem pagar.

3. A EROSÃO DA DEMOCRACIA

Existe também um consenso no âmbito do Fórum Social Mundial de que a globalização em curso corresponde a um violento processo de erosão da democracia. Esse consenso pode ser caracterizado a partir dos seguintes elementos:

1. Grande parte dos chamados "protestos antiglobalização" (Seattle, Toronto, Washington, Praga, Gênova) têm sido motivados pela questão do chamado livre comércio, e da crítica ao discurso neoliberal / conservador sobre a relação entre livre comércio e democracia.
2. Existe uma clara percepção do histórico de hostilidade do capitalismo internacional e, particularmente, dos EUA em relação à democracia, e sua política de dois pesos e duas medidas (*double standards*). Esse histórico se estende das intervenções nos anos 60, 70 e 80 na América Central, Indonésia, Brasil, Chile, até a política atual de apoio a regimes despóticos como ocorreu durante anos com Saddam Hussein, a política de terror de Estado de Israel, o apoio ao regime saudita, etc.
3. Poder de veto do capital financeiro e das IFM' s sobre as políticas nacionais.
4. O unilateralismo e belicismo de Bush e a nova doutrina estratégica da guerra preventiva.

Para concluir, apresento a seguir os eixos do Fórum Social Mundial 2005:

1. Afirmando e defendendo os bens comuns da Terra e dos povos – Como alternativa à mercantilização e ao controle das transnacionais.
2. Economias soberanas por e para os povos – Contra o capitalismo neoliberal.
3. Paz e desmilitarização – luta contra a guerra, o livre comércio e a dívida.
4. Pensamento próprio, reapropriação e socialização do conhecimento e das tecnologias.
5. Defendendo as diversidades, pluralidade e identidades.
6. Lutas sociais e alternativas democráticas – Contra a dominação neoliberal.
7. Ética, cosmovisões e espiritualidades – Resistências e desafios para um novo mundo.
8. Comunicação: práticas contra-hegemônicas, direitos e alternativas.
9. Artes e criação: construindo as culturas de resistências dos povos.

10. Direitos humanos e dignidade para um mundo justo e igualitário.
11. Rumo à construção de uma ordem democrática internacional e a integração dos povos.